

*ram*, que se *effectuaram*, que se *realisaram*, ou que se *fizeram* no mez de tal? Ha-de *proceder-se* á arrematação, ou simplesmente *ha de arrematar-se*? Houve um incendio; *deu-se* uma batalha; *realisou-se* o consorcio; e, se não está annuciado ou esperado, *desposou-se*, *casou-se*, *celebrou-se* o matrimonio; *sucedeu*, *aconteceu*, ou *houve* um desastre; não se *effectuou*, ou não se *realisou* a arrematação, o concurso, a estreia, a experiencia?

E não só como gallicismo excusado devemos rejeitar a locução *ter logar*, nestas e semelhantes phrases, mas tambem porque *ter logar* na nossa lingua significa *ter espaço*, *cabimento*, *opportunidade*; *vir ou cair a proposito*. Dêmos alguns exemplos:

«Não *tem logar* a pretensão do supplicante». Esta formula de despacho quer dizer: não tem cabimento, admissão, fundamento, procedencia, o que se allega ou requer. E tambem, que não tem vez, vagatura, etc. — «O marquez fallou a el-rei logo que *teve logar*» (ocasião, oportunidade). (Vieira). — «E quando *teve logar* deu conta de tudo ao viso-rei». <sup>6</sup> (Barros). — «Agora *tem logar* referirmos o que no tomo segundo apenas acenamos» <sup>7</sup> (J. Cardoso). — «Julgava *ter logar* reservado no céu o estulto e soberbo imperador.» (Fr. Christovão de Lisboa.) — «*Teve logar* o remoque <sup>8</sup> do prégador, embora em tal solemnidade» isto é, foi bem cabido, veio a proposito. (D. Francisco Manoel).

A' vista de taes exemplos, quem não dirá que a locução afrancezada *ter logar*, por *acontecer*, *effectuar-se*, etc., repugna á indole, clareza e propriedade da lingua portugueza?

A. da Silva Tullio (1818-1883).

<sup>1</sup> § 244, b. <sup>2</sup> palavra, construcção grammatical ou locução imitada da lingua franceza. (O nome latino da França era *Gallia*). <sup>3</sup> § 192, c). *O Diario do Governo*. <sup>5</sup> § 192, b). <sup>6</sup> vice-rei <sup>7</sup> apontamos, indicamos <sup>8</sup> dicto picante, que, disfarçadamente, encerra uma intenção maliciosa, offensiva, ou reprehensiva.



95 — O lobo e o cordeiro (pag. 230 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Melhor razão foi sempre a do mais forte ;  
 Já o ponho em pratos limpos.

Na clara veia <sup>1</sup> d'um regato, a sêde  
 Um cordeiro matava.

Chega esfaimado um lobo, andando a corso <sup>2</sup>.

(Lobo) Quem te deu auso <sup>3</sup> (diz em raiva acceso)

De vires enturvar a agua, que eu bebo ?

(Cord.) Oh não se agaste Vossa Majestade ;

Mas antes considere

Que, além de passos vinte, estou mais baixo

Bebendo na corrente,

E não posso turvar-lhe, em conseguinte,

Por modo algum a veia aonde bebe...

(Lobo) Que a enturvas digo, e sei que o anno passado

Disseste mal de mim. (Cord.) Como o <sup>4</sup> podia

Eu, que nado <sup>5</sup> não era ; eu, que ainda mammo ?

(Lobo) Pois disse-o teu irmão, se o não disseste.

(Cord.) Não tenho irmão. (Lobo) Pois disse-o um teu parente,

Que vós, e vossos cães, vossos pastores

Não me poupaes <sup>6</sup> em dictos.

Ouvi-o a muitos ; tenho de vingar-me.

— Nisto, ao cerrado <sup>7</sup> matto o leva o lobo ;

Sem mais processo o come.

Francisco Manoel do Nascimento (*Filinto Elysio*), 1734-1819)

Traduzido de La Fontaine.

<sup>1</sup> Riacho, filete ou veio d'agua corrente. <sup>2</sup> vida errante e vagabunda dos que se sustentam do que podem furtar nos sitios por onde passam. <sup>3</sup> ousadia, atrevimento. <sup>4</sup> § 189,4.

<sup>5</sup> § 179 a. Nascido. <sup>6</sup> § 116, b. <sup>7</sup> fechado, denso espesso.

96 — Questão importante (pag. 183 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Óra os homens do norte estavam disputando com os homens do sul : a questão fôra interrompida com a



nossa chegada á prôa do barco. Mas um dos ilhавos <sup>1</sup> — bella e poetica figura de homem — voltando-se para nós, disse naquelle seu tom accentuado :

— Ora aqui está quem ha-de decidir : vejam os senhores. Elles, por agarrar um toiro, cuidam que são mais que ningem, que não ha quem lhe chegue. E os senhores, a serem <sup>2</sup> cá de Lisboa, hão-de dizer que sim. Mas nós...

— Nenhum de nós é de Lisboa ; só este senhor que aqui vem agora.

Era o C. da T. que chegava.

— Este conheço eu ; este é dos nossos (bradou um homem de forcado, assim que o viu). Isto é um fidalgo como se quer. Nunca o vi numa ferra <sup>3</sup>, isso é verdade, mas, aqui de Vallada a Almeirim, ninguem corre mais do que elle por sol e chuva, e ha-de saber o que é um boi de lei, e o que é lidar com gado.

— Pois ouçamos lá a questão.

— Não é questão — tornou o ilhавo : — mas se este senhor fidalgo anda por Almeirim, para Almeirim vamos nós, que era uma charneca o outro dia, e hoje um jardim, benza-o Deus ! — mas não foram os campinos <sup>4</sup> que o fizeram, foi a nossa gente que o sachou e plantou, e o <sup>5</sup> fez o <sup>6</sup> que é ; fez terra das areias da charneca.

— Lá isso é verdade.

— Não, não é. Que está forte habilidade fazer dar trigo aqui aos nateiros <sup>7</sup> do Tejo, que é como quem semeia em manteiga. É uma lavoira que a faz Deus por sua mão, regar e adubar e tudo ; e o que Deus não faz, não fazem elles, que nem sabem ter mão nesses mouchões <sup>8</sup> c'o plantio das arvores ; só lá por cima é que algumas têm mettido, e é bem pouco para o rio que é, e as ricas terras que lhes levam as enchentes. Mas nós, pé no barco, pé na terra, tão depressa estamos a sachar o milho na charneca, como vimos por ahí abaixo com a vara no peito, e o saveiro <sup>9</sup> a pegar na areia por não haver agua... mas sempre labutando <sup>10</sup> pela vida.



— Da força é que se falla — tornou o campino para estabelecer a questão em terreno que lhe convinha — Da força é que se falla: um homem do campo que se deita alli á cernelha <sup>14</sup> de um toiro que uma companhia inteira de varinos lhe não pegava, com perdão dos senhores, pelo rabo!...

E reforçou o argumento com uma gargalhada triumpante, que achou echo nos interessados circumstantes que já se tinham apinhado a ouvir os debates.

Os ilhавos ficaram um tanto abatidos, sem perderem a consciencia da sua superioridade, mas acanhados pela algazarra.

Parecia a esquerda <sup>12</sup> de um parlamento quando vê sumir-se, no borbório acintoso <sup>13</sup> das turbas ministeriaes <sup>14</sup>, as melhores phrases e as mais fortes razões dos seus oradores.

Mas o orador ilhavo não era homem de se dar <sup>15</sup> assim por derrotado <sup>16</sup>. Olhou para os seus como quem os consultava e animava, com um gesto expressivo, e voltando-se a nós, com a direita extendida aos seus antagonistas:

— Então agora como é de força, quero eu saber, e estes senhores que digam, qual é que tem mais força, se é o toiro ou se é o mar?

— Essa agora!...

— Queremos saber.

— É o mar.

— Pois nós que brigamos com o mar, oito e dez dias a fio numa tormenta, de Aveiro a Lisboa, e estes que brigam uma tarde com um toiro, qual é o que tem mais força <sup>17</sup>?

Os campinos ficaram cabisbaixos; o publico imparcial applaudiu por esta vez a opposição, e o Vouga triumphou do Tejo.

Visconde de Almeida Garrett (1799-1854).

<sup>1</sup> Ilhavo é um concelho no districto de Aveiro. Chama-se *ilhavos* não só aos moradores desse concelho, mas aos *varinos* em geral, que são os habitantes da beira marinha dos arredos.



res de Ovar e Aveiro. <sup>2</sup> § 230. <sup>3</sup> acto de *ferrar* ou marcar o gado a ferro quente. <sup>4</sup> guardadores de gado grosso, especialmente de toiros. <sup>5</sup> § 188. *a.* <sup>6</sup> § 189,2. <sup>7</sup> camadas de lodo depositadas pelas aguas dos rios espraçados <sup>8</sup> pequenas porções de terreno arborizado que se elevam nas lezírias; ilhotas que se formam nos rios á beira-mar. <sup>9</sup> barco pequeno, ordinariamente de fundo chato, que serve para a travessia dos rios ou para a pesca á linha. <sup>10</sup> lidando, trabalhando penosamente. <sup>11</sup> a parte do corpo dos cavallos, bois, porcos, onde se unem as espaldas, formando uma cruz; o fio do lombo. <sup>12</sup> a opposição: o grupo de deputados ou senadores, ou membros de qualquer parlamento ou assembléa legislativa, e que ficam á direita do presidente. <sup>13</sup> feito de proposito e por birra. <sup>14</sup> que apoiam o ministerio, o governo. <sup>15</sup> § 233. <sup>16</sup> § 186,3. <sup>17</sup> § 250.

97 — O cão do Louvre <sup>1</sup> (pag. 288 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Tu, que passas, descobre-te! Ali dorme  
 O forte que morreu.  
 Dá ao martyr do Louvre algumas flôres;  
 Dá pão ao seu lebreu.

Da batalha era o dia. O canhão trôa;  
 E o livre corre á morte, e junto d'elle  
 O seu cão vae:  
 A mesma bala ambos feriu: o martyr  
 Não deploreis <sup>2</sup>; o amigo seu, que vive,  
 Só pranteae!

Tristonho, sobre o forte elle se inclina,  
 Afagando-o e gemendo; e, a vêr se o acorda,  
 Põe-se a latir;  
 E do seu companheiro no combate  
 Sobre o cadaver sanguinoso <sup>3</sup> o pranto  
 Deixa cair.



Essa gleba <sup>4</sup> guardando, onde repousam  
 As cinzas <sup>5</sup> dos heroes, nada o consola  
 No seu gemer;  
 E ao que o ameiga triste repellindo,  
 — «Oh, que <sup>6</sup> não és meu dono!» — o cão parece  
 Tentar dizer.

Quando sobre as grinaldas de perpetuas  
 O matutino alvor da aurora o orvalho  
 Faz scintillar,  
 Os olhos abre vividos <sup>7</sup>, e pula  
 Para afagar seu dono, que elle pensa  
 Ha-de voltar!

Quando da noite a viração as c'rôas  
 Fez ranger sobre a cruz do monumento,  
 Desanimou:  
 Elle quizera <sup>8</sup> que o seu dono o ouvisse;  
 E ladra e uiva; mas o adeus de á noite  
 Lá lhe faltou!

O inverno chega, e a neve com violencia  
 Cae, e branqueia, e esconde esse gelado  
 Leito de morte <sup>9</sup>:  
 Ei-lo, que solta um lugubre gemido,  
 E busca, alli deitando-se, ampará-lo  
 Do frio norte.

Antes que <sup>10</sup> os membros lhe entorpeça o somno, <sup>11</sup>  
 Mil tentativas para erguer a campa  
 Inuteis faz:  
 Depois comsigo diz, como hontem disse:  
 «Quando acordar, por certo ha-de chamar-me».  
 E dorme em paz.



Mas, na alta noite, em sonhos vê trincheiras,  
 E o seu dono entre as balas encontradas  
 Cair ferido <sup>12</sup>.

E ouve-o que o chama com sibilo <sup>13</sup> usado ;  
 E ergue-se e corre após uma vá sombra,  
 Dando um bramido.

É alli que <sup>14</sup> elle espera horas e horas,  
 E, saudoso, murmura. Alli pranteia <sup>15</sup>,  
 E morrerá.

O seu nome, qual é? Todos o ignoram.  
 O que o sabia, o dono seu querido,  
 Nunca o dirá!...

Tu, que passas, descobre-te! Além dórme  
 O forte que morreu.  
 Dá ao martyr do Louvre algumas flores,  
 E esmola ao seu lebreu.

Alexandre Herculano (1810-1877).

<sup>1</sup> Palacio immenso em Paris, começado no seculo xviii. Encerra um museu riquissimo de pintura, esculptura, antiguidades, etc. Pronuncie *Luvre*. <sup>2</sup> § 213, 4. <sup>3</sup> Ensanguentado, sanguinolento, <sup>4</sup> Qualquer torrão, ou porção de terra. <sup>5</sup> Restos dos mortos (locução, que provém do uso que tinham os antigos de queimar os cadaveres.) <sup>6</sup> § 250. <sup>7</sup> Brilhantes, fulgurantes. <sup>8</sup> § 212 b). <sup>9</sup> § A sepultura (*do forte que morreu*). <sup>10</sup> § 217, a, 7). <sup>11</sup> § 129, c) e 130, a.) <sup>12</sup> § 241, b). e § 179, b.) <sup>13</sup> Assobio, silvo. <sup>14</sup> § 248, b.) <sup>15</sup> Derrama pranto, ou lagrimas abundantes.

98 — Dois trechos extrahidos dos «Ensaio  
 do pulpito, collecção de sermões prégados em 1873  
 (pag. 259 na 4.<sup>a</sup> ed.)

I

Visitando as melancolicas ruinas de Pompeia <sup>1</sup>, aponta-se fóra das muralhas o logar donde as excavações



trouxeram á luz, depois de dezasete seculos, o cadaver d'um sentinella romano. Apareceu junto da guarita ao lado da porta que dava de rosto no Vesuvio; e appareceu incinerado, sim, mas de pé e com a lança segura na mão. D'alli ouvira os pavorosos estrondos com que a cratera prenunciava a funebre catastrophe; alli sentira debaixo de si abalarem-se com a commoção vulcanica as raizes da montanha; d'alli vira surgirem, dilatarem-se, avançarem as tempestades de fogo, rolarem-se precipites as torrentes caudaes de lava, aproximarem-se até o envolverem as chuvas de cinza, d'enxofre e de escorias; e não arredou pé, e não curvou a fronte, e ficou para assombro da posteridade, com a face voltada ao sitio, d'onde lentamente viera a colhê-lo a morte. A medonha destruição da cidade não foi instantanea, como fulminada de raio. Salvaram-se na fuga os moradores: homens, mulheres, creanças, enfermos. Mais; recolheram e levaram os seus melhores haveres e joias, que poucas descobrem as pesquisas. Ainda mais; livraram e conduziram os animaes domesticos. Em summa, nem os escravos, nem os mesmos despreziveis escravos quedavam a velar as propriedades desamparadas de seus senhores. Tudo, por terra e por mar, se escapou e poz a bom recato, como evidenciam as exumações naquelles sombrios destroços. E que é d'ella a causa porque não fugiu e se deteve ahi deante do horroroso espectáculo, e victima d'elle, o misero soldado, a solitaria sentinella? Porque? pelo santo principio do dever, pela lei suprema da honra. Ficon!

## II

Por agora ponhamos de banda a conta das perdas e voltemos olhos no Razão<sup>2</sup> para a dos ganhos. Talvez se salde o debito d'aquellas com o credito d'estes. Sommenos. Que se lucra no jogo? Duas coisas e não mais; mas na realidade importantissimas, se foram ver-



dadeirasas — dinheiro e convivencia. São, porém, effectivas, proficuas? Plenamente o contrario. Tal convivencia não educa, vicia; não deleita, attribula. Se o coraçãoahi despenasse maguas, se a intelligenciaahi recebesse luz, se a conversa, se a oração, se os affectosahi cultivassem as mais delicadas flores dos sentimentos, formosa e louvavel coisa era; masahi, como no cadaver em putrefacção, refervem as larvas pestilentes, fermentam no animo as invejas, no sangue as rixas. Que de vezes o crime traça e ensanguenta a ultima scena d'esses dramas, cujo epilogo fecham as grades da enxovia ou o recinto do cemiterio! E, se, em algumas classes, a polidez enverniza a superficie, não esconde menos corrupto o âmago, não são menos nocivos os resultados. Tambem á superficie dos pantanos mais largos e letiferos<sup>3</sup> ostenta a nymphéa entre os miasmas a corolla candidissima e perfumada. Por onde deve accordar-se que a tal lucrada convivencia melhor se denominava parceria e cumplicidade na paixão perniciosas, do que roda d'amigos para diversão. Connivencia, sim, se bem a classificarem, convivencia não. Não dilata a vida, apressa a morte.

Todavia, se este primeiro fructo do jogo se demonstra assim contagiado, o outro — o do ganho — resarce tudo. D'elle, como de cofre magico, extrae-se dinheiro, tira-se muito dinheiro. Não ha varinha de condão que vença essa mina encantada e inexgotavel. De certo: al-de-menos por vezes. E nisso consiste o mais terrivel damno, porque fórma o engodo fatal, o attractivo indominavel. Ganhaes uma vez e fixae-la para sempre com traços indeleveis e brilhantes na memoria, e perdeis centos e não os contaes e esquecem-vos para logo. Nem o dizimo do perdido vos volta em compensação e encanta-vos soberanamente esse desproporcionado lucro. Repugnante insensatez! Mas, nesse lucro que voz escalda d'alegria as mãos, quantas perdas se não accumulam? Sabeis lá de quantas esposas consternadas no lar sombrio e solitario, sem lume e sem con-



chego, reflecte esse oiro o brilho das copiosas lagrimas? Conjecturaes o pão, a educação, o vestido de quantos filhos vem ahi representado e desbaratado nessa quantia? E que não viesse; e que não estivesse esse dinheiro clamando aos céos pela sua devida applicação, não vos calará no coração desvairado, como raio de luz em tenebroso abysmo, que o ganhar no jogo é sempre perder, porque é perder a saude, perder os habitos virtuosos do trabalho, perder o amor santificado da familia, perder a honesta dignidade, perder enfim predicados que nenhuma somma contrabalança, nenhum lucro recompensa? A idéa, porém, do ganho da desforra, arreбата, entontece. Perdeu-se hontem? calcula ganhar-se hoje. Perde-se hoje? conta desferrar-se amanhã. Perder-se-ha amanhã e perder-se-ha depois e continuamente. E não se resiste: é diabolica a tentação. E a idéa cruel, como se fôra a sombra do proprio corpo, avultada em phantasma perseguidor, agrilhôa, atormenta. E aquella malfadada quantia, que uma vez se trouxe de lucro, sempre, com o seu brilho metalico e sinistro, a entreluzir na lembrança; como pelas trevas mais cerradas da noite, na mansão funerea dos mortos, lampejam e vagam atterradores, sobre o comoro das campas, os baços e phantasticos lumes das phosphorecencias cadaverosas.

Exhausto o peculio proprio, acabados os recursos disponiveis, principia o jogador, se é casado, a cercear subrepticamente o dote da mulher, a comprometter os haveres dos filhos; entra, se é filho-familia, a contrahir dividas fabulosas, a acceitar letras fraudulentas que lhe absorverão o patrimonio paterno; e finalmente, qualquer que seja o seu estado, não trepida, extinctos todos os meios, deante de ser falsario e ladrão, e ás vezes até assassino. Tudo sacrifica, a tudo pôde arrastar o pensamento do ganho, que encerra o mais perigoso feitiço de paixão tão funesta.

• Ayres de Gouveia, bispo de Bthesaida (escriptor contemporaneo)



<sup>1</sup> Cidade da Italia, a duas leguas do Vesuvio. No anno 63 da era christã ficou destruida em grande parte por um terremoto e, dezaseis annos depois, inteiramente sepultada em cinzas por uma erupção do Vesuvio. Foi em 1748 que se descobriram as ruinas de Pompeia, começando as escavações em 1812. Tem-se encontrado alli grande numero de edificios em perfeito estado de conservação, um amphiteatro, dois theatros, duas praças circumdadas de porticos, um forum, uma basilica, thermas e diversos templos. <sup>2</sup> livro em que os commerciantes lançam o resumo da escripturação do seu debito e credito. <sup>3</sup> que produz a morte.

99 — O raposo e a cegonha (pag. 248 na 4.<sup>a</sup> ed.)

O compadre Raposo fez seu gasto,  
E á comadre Cegonha deu convite,  
Convite apoucadinho <sup>1</sup> e sem amanhã <sup>2</sup>:  
Umas papas. — Não vivia o Raposo  
A la grande <sup>3</sup>,

E num prato as taes papas poz na mesa.  
C'o longo bico seu picava o prato  
A cegonha, mas nada recolhia.  
Gil Raposo, c'o a lingua varredoira,  
O prato alimpa em duas lambedelas <sup>4</sup>. —

Por se vingar do logro,  
Deixa passar uns tempos,  
E o convida a Cegonha. Eis elle logo <sup>5</sup>:  
(Rap.) Com muito gosto. Eu cá, c'os meus amigos  
Cerimonias não uso.

Á hora dada, a casa vae correndo <sup>6</sup>  
Da hospeda cegonha.  
Louva-lhe a cortezia <sup>7</sup>: — bem guizada  
E a ponto <sup>8</sup> acha a comida;  
Nunca a rapozos falha a boa gana.  
Já só c'o cheiro lhe regala a carne  
Cortadinha em miudos comezinhos <sup>9</sup>.  
Não está ahí tudo. — Acode um embeleco <sup>10</sup>, .



Que é vir á mesa a carne  
 Num vaso de gargalo mui comprido.  
 E a comadre ir picando <sup>6</sup>  
 C'o bico até ao fundo :  
 Mas, a tromba de Gil tendo outro talhe,  
 Foi-lhe força em jejum voltar á toca, <sup>11</sup>  
 Tão vergonhoso e murcho,  
 C'o rabinho entre as pernas, cabisbaixo <sup>12</sup>,  
 Qual raposo agarrado por gallinhas.  
 Burlões, <sup>13</sup> comvosco fallo :  
 Esperae outro tanto.

Francisco Manuel do Nascimento (*Filinto Elysio*).  
 Traduzido de La Fontaine.

<sup>1</sup> Diminutivo de apoucado, isto é: acanhado, escasso, limitado. <sup>2</sup> sem preparativos. <sup>3</sup> á grande, como os grandes, ostentadamente, á regalada. <sup>4</sup> § 157. *b*). <sup>5</sup> § 113. <sup>6</sup> § 82, *b*). <sup>7</sup> § 103, *a*). <sup>8</sup> em tempo conveniente. <sup>9</sup> faceis de comer. Nesta frase, miudos é subst. com o qual concorda o adj. comezinhos. <sup>10</sup> artificio, ardil, astucia. <sup>11</sup> § 250 (2.º periodo). <sup>12</sup> de cabeça baixa, abatido, humilhado. <sup>13</sup> Trapaceiros, trampolineiros.

110—Naufragio da galera Deolinda (pag. 250 na 3.ª ed.)

Transmontada <sup>1</sup> a linha <sup>2</sup> e festejado o passo <sup>3</sup> com descantes da maruja, o céu entrou de nublar-se, a nortada a ringir nas gaveas os silvos agoureiros, e o piloto experto <sup>4</sup> a encarar mui fito em um nevoeiro que se acastellava, sobre noite, á volta do sol esmaecido <sup>5</sup>. Era em fevereiro de 1869.

Ao repontar <sup>6</sup> a manhã do dia seguinte, o mar urrava acapellado <sup>7</sup>, as nuvens desciam a sorver as ondas que se encurvavam, o sol apenas entreluzia <sup>8</sup> frio e marmoreo na baça claridade da manhã.

Ao meio dia, o escurecer <sup>9</sup> fez-se rapido e parda-cento como um crepusculo <sup>10</sup> de noite invernosa.



Bravejou subita furia no mar, apenas colhido o velame <sup>11</sup>.

O piloto vira terra, e cobrara alento na esperanza de approar a Cabo Verde, comquanto se temesse <sup>12</sup> d'aquella costa infamada <sup>13</sup> de muitos naufragios, desde que portuguezes se andam á cata <sup>14</sup> de oiro e opprobrio por entre os colmilhos <sup>15</sup> da morte, na espadua <sup>16</sup> das tempestades, a braços com a ira de Deus e dos homens.

Noite alta <sup>17</sup> estrondou no cavername <sup>18</sup> da galera um como estampido de peça que detonasse dentro.

Deolinda foi colhida nos braços do pae, quando resvalava da camilha <sup>19</sup> ao pavimento, com o livro das suas orações nas mãos convulsas e o nome da Mãe dos afflictos nos labios.

— Morreremos meu pae?! — perguntou trespasada de horror.

— Animo! — murmurou elle — abraça-te em mim, que eu não quero chorar-te nem que me chores <sup>20</sup>, filha... Morremos juntos.

Em cima esturgia a celeuma <sup>21</sup> dos marinheiros, o rojar <sup>9</sup> rispido <sup>22</sup> das amarras, os gritos, as supplicas, os apitos, o troar da peça que pedia soccorro, e o dos trovões, que reboavam <sup>23</sup>, e um relampadejar <sup>24</sup> que azulava os abysmos.

E, de subito, a galera, após aquelle repellão que lhe vibrou as cavernas, quedou-se arquejante, a roçar nos espigões <sup>25</sup> da restinga <sup>26</sup>.

E as vagas, raivando <sup>27</sup> contra aquelle estorvo, galgavam-no, rolando-se, refervendo e marulhando <sup>28</sup> de um bordo a outro <sup>29</sup>. O porão <sup>30</sup> descosia-se bebendo e golfando jorros de agua como o monstro dos mares <sup>31</sup> escalavrado pelos arpéos <sup>32</sup>.

O capitão, pallido mas sereno, debruçou-se do corrimão da camara, e disse:

— Encalhou a galera, senhor duque. É tempo de sair a terra.

— Nenhuma esperanza? — perguntou o *Africano*.

— As vidas salvam-se... talvez...



—Só?...

Perguntou o homem rico; mas aquelle monosyllabo, estrangulado<sup>33</sup> na garganta, rouquejou<sup>34</sup> como um arranco<sup>35</sup> da vida. *Só! Só a vida!* O meu suor de quarenta annos, os meus duzentos contos de réis não se salvam? Eu hei-de sair pobre d'entre esta riqueza que é minha, que é o repouso da velhice, o patrimonio<sup>36</sup> da minha filha? *Só!*

E as lanchas, balançadas no vae-vem das ondas, chofravam<sup>37</sup> nos flancos do navio por entre espadan<sup>38</sup> de espuma.

Deolinda atravessou corajosa e firme no braço do pae, até ao portaló<sup>39</sup>. O *Africano* levava no rosto um terror indescriptivel, e, nas contorções<sup>40</sup> e visagens<sup>41</sup> de afflicção, a agonia da peor morte.

E ella saltou de impeto ao escaler, apenas amparada na mão de um passageiro, que lhe disse:

— Adeus...

— Não vem? — perguntou ella.

— Primeiro hão-de ir as creanças, as mulheres e os velhos.

Deolinda contemplou-o alguns momentos e amparou-se na face do pae, onde as lagrimas derivavam copiosas<sup>42</sup>.

Os escaleres vararam<sup>43</sup> na areia, revessados<sup>44</sup> no rolo da vaga. Estavam salvos os velhos, as mulheres e as creanças.

E, logo, os remadores intrepididos, que outra vez se arrostavam<sup>45</sup> com a morte, viram a galera a balouçar-se entre o vagalhão<sup>46</sup> e ouviram o estralejar<sup>47</sup> do cavername por sobre os clamores dos naufragos; depois levantou-se um grande mar, a lancha ficou para além d'essa formidavel montanha; e, quando o escarcéo<sup>48</sup> descaiu para solevar<sup>49</sup> a barca, um momento quieta nas fauces<sup>50</sup> da voragem, os mareantes já não viram da galera senão o gume da quilha<sup>51</sup>, e á volta d'elle o bracejar dos agonisantes.



<sup>1</sup> Participio de transmontar, passar além de. <sup>2</sup> § 241, a 2).  
 Refere-se aqui á linha equinoxial, ou equador terrestre. <sup>3</sup> pas-  
 sagem. <sup>4</sup> experimentado, entendido. <sup>5</sup> desmaiado. <sup>6</sup> § 135.  
 Amanhecer, vir apparecendo. <sup>7</sup> ou encapellado, que toma a  
 fórma de capello; encrespado, levantado. <sup>8</sup> luzia francamente  
 atravez das nuvens. <sup>9</sup> § 432, c. <sup>10</sup> a claridade que persiste  
 algum tempo depois do pôr do sol. <sup>11</sup> o conjunto das vellas de  
 um navio. <sup>12</sup> § 217, 1). *Obs.* <sup>13</sup> que tem má fama. <sup>14</sup> em bus-  
 ca, á procura. <sup>15</sup> dentes caninos, presas. <sup>16</sup> hombro. <sup>17</sup> § 124.  
<sup>18</sup> o conjunto das cavernas de um navio. Chama-se caverna a  
 cada um dos madeiros curvos ou peças de ferro que assentam  
 sobre a quilha e formam o arcaboço ou esqueleto do navio.  
<sup>19</sup> diminutivo de cama. <sup>20</sup> § 226, b. <sup>21</sup> resoava a vozeria.  
<sup>22</sup> rijo, que tem um som aspero. <sup>23</sup> retumbavam. <sup>24</sup> relampa-  
 guear. <sup>25</sup> aqui significa pontas aguçadas. <sup>26</sup> banco de areia  
 ou de pedra no alto mar. <sup>27</sup> esbravejando, enfurecendo-se.  
<sup>28</sup> agitando-se com violencia (diz-se do mar, das ondas). <sup>29</sup> de  
 um lado a outro do navio. <sup>30</sup> o fundo interior do navio, desti-  
 nado a conter os comestiveis e outra carga. Chamam-se tam-  
 bem estiva. <sup>31</sup> refere-se á baleia. <sup>32</sup> arpões pequenos, figas  
 de que se usa na pesca das baleias e outros cetaceos. <sup>33</sup> suf-  
 focado, abafado. <sup>34</sup> rouquejar é dar sons roucos. <sup>35</sup> arquejo,  
 esforço para respirar, para gemer. <sup>36</sup> bens herdados dos paes,  
 bens de familia. <sup>37</sup> davam de chofre, chocavam, iam de en-  
 contro. <sup>38</sup> jactos de liquido simulando fitas ou laminas de es-  
 pada. <sup>39</sup> lugar por onde se entra no navio. <sup>40</sup> movimentos vio-  
 lentos que torcem os membros ou os musculos. <sup>41</sup> trejeitos,  
 esgares. <sup>42</sup> corriam abundantes. <sup>43</sup> deram em secco, encalha-  
 ram. <sup>44</sup> revolvidos, voltados. <sup>45</sup> encaravam sem medo, affron-  
 tavam. <sup>46</sup> augmentativo de vaga. <sup>47</sup> fazer estralada ou estalada.  
<sup>48</sup> grande onda ou vaga que se fórma quando o mar está  
 muito agitado. <sup>49</sup> erguer a custo, levantar. <sup>50</sup> garganta, gue-  
 las escancaradas. <sup>51</sup> peça de madeira comprida e muito forte  
 que se estende da popa á proa, ou a reunião de peças juxta-  
 postas sobre que estão fixas as outras peças curvas em que se  
 pregam as taboas que formam o costado do navio. Póde com-  
 parar-se a quilha do navio á espinha dorsal de um esqueleto.

---



101 — O bebado e sua mulher (pag. 280 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Cada um sestro tem,  
 Em que avezado embica,  
 De que nem medo o cura, nem vergonha.  
 Lembra-me, ácerca, um conto,  
 (Que eu não fallo, que exemplos não me escorem <sup>1</sup>).  
 — Um confrade <sup>2</sup> de Baccho <sup>3</sup>  
 Estragára a saude, o siso, a china... <sup>4</sup>  
 (Nem correm esses melros  
 Meia estrada, que a bolsa não lhe escorra).  
 Cozido em chá de parra,  
 D'um cangirão no fundo  
 Deixára o meu bargante <sup>5</sup> o seu juizo.  
 Eis que a mulher m'ô encaixa num esquite,  
 Onde, á larga, cozeu a cabelleira.  
 Desperta : acha-se envolto  
 Num lençol, — vê tocheiras, caldeirinha.  
 (Bebado) Pois que vae ! Minha esposa está viuva !  
 — Ella entra então, em trages de megera <sup>6</sup>,  
 C'um hediondo semblante, e voz mudada :  
 Chegando-se ao caixão,  
 Dá-lhe assorda guisada para o demo.  
 Então, crendo o marido  
 Que já no inferno mora :  
 (Bebado) Dize quem és, phantasma,  
 Que eu, da parte de Deus, requeiro o digas <sup>7</sup>.  
 (Mulher) Eu sou de Satanaz refeitoreira <sup>8</sup>,  
 Dou de comer aos que entram nesta furna <sup>9</sup>.  
 (Bebado) Maldita mondongueira <sup>10</sup>,  
 Trazes a codea, e esqueces-te da pinga ?

Francisco Manoel do Nascimento (*Filinto Elysio*, 1734-1819).

<sup>1</sup> escorar é pôr escoras, suster. No sentido do texto : amparar, sustentar, dar apoio, fundamento. § 217, a, 3. <sup>2</sup> (do *L. cum*, juntamente, e *fratrem*, irmão) irmão ou irmã de associação religiosa, membro de confraria. Syn. collega. Aqui : devoto. Cp. fratern-o,-al,-idade,-izar, confratern-isar,-idade, freir-e,-a,



frei, fratri-cida (L. *cædere*, matar), fratricídio. <sup>3</sup> Deus do vinho. <sup>4</sup> dinheiro. <sup>5</sup> desavergonhado, vicioso. <sup>6</sup> syn. de furia. *Fig.* significam ambas estas palavras : mulher endiabrada. Os poetas gregos e romanos fabularam tres Diras, Eumenides, ou Fúrias, filhas da Noite, que atormentavam os condemnados ; seus nomes eram : Megera, Alecto e Tesiphone). <sup>7</sup> § 189, 4, <sup>8</sup> despenseira. Cp. refeição, refeitorio. <sup>9</sup> cova subterranea, caverna. Da mesma origem que *forno* (L. *furnus*). Cp. Fornax, ou Fornaz (deusa das fornalhas), forn-a-a, aceiro, -ada, -alha, -alheiro, -ar, -eiro ; enfornar, enfurnar. <sup>10</sup> mulher que lava e vende os mondongos, ou intestinos de animaes ; tripeira, fres-sureira. Pessoa suja.

102 — Desapercebido e despercebido  
(pag. 296 na 4.<sup>a</sup> ed.)

E' trivial <sup>1</sup> ouvirmos <sup>2</sup> e lêrmos em letra redonda : Não passou *desapercebida* a sua observação, tal pessoa, abjecto, ou allusão. Fulano fez-se *desapercebido*, ou fiz-me *desapercebido*.

Nestas e em outras muitas phrases vulgares, que ora <sup>3</sup> nos não lembram, erra-se vergonhosamente a natureza do verbo *desaperceber*, e a sua regencia.

*Desaperceber*, que ordinariamente se usa no participio, *desapercebido*, é verbo activo, e significa desapparellhar, desarmar, desprover, e tambem desavisar, desprevenir.

*Desperceber* e *despercebido*, é não ter, ou não ser percebido, não entender, não reparar. Já se vê que este verbo tem accepção e natureza mui diversa d'aquell'outro, e usá-lo pelo modo apontado nas locuções, que acima transcrevemos, é barbarismo <sup>4</sup> intoleravel.

Deve-se, pois, dizer : Não passou *despercebida* a sua allusão. Fulano fez-se *despercebido*, isto é, desentendido, etc.

«O reino está *desapercebido* de armas e de mantimentos» — disse Vieira, isto é, desprovido, desguarnecido, desarmado, sem os *apercebimentos* necessarios para a guerra.



«As tentações do demonio, peccadores, vos tomam desapercebidos» — escreve Diogo de Paiva ; queria dizer, sem estardes prevenidos, preparados, escudados com fé, doutrina, e orações da egreja.

Em summa temos o adagio, que diz : «Homem desapercebido, meio combatido.» Isto é, descuidado, desarmado, não provido, ou prevenido para qualquer accommettimento, insulto, ou engano.

Basta o pouco que fica dito para que os escriptores principiantes evitem erro tão crasso<sup>5</sup>, a que infelizmente os induzem até alguns dictionarios da nossa lingua, ou antes, da lingua de seus auctores.

A. da Silva Tullio (1818-1883).

<sup>1</sup> commum, vulgar. <sup>2</sup> § 222,2). <sup>3</sup> agora, nesta occasião.  
<sup>4</sup> § 251. <sup>5</sup> grosseiro.

103 — A cabra, o carneiro e o cevado (pag. 290 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Uma cabra, um carneiro e um cevado  
Iam numa carroça todos tres  
Caminho do mercado :  
Não iam passear, é manifesto ;  
Alguem que fosse no rasto  
Dava com elles talvez  
Nalguma casa de pasto . . .  
Mas, emfim, vamos ao resto.

Ia o cevado numa gritaria,  
Que a cabra e o carneiro,  
Não podendo na sua boa fé  
Adivinhar a causa do berreiro,  
Diziam lá comsigo :  
«Que mania !  
Cá este nosso amigo e companheiro  
Por força gosta mais de andar a pé.»



O caso é  
 Que o cevado gritou tanto ou tão pouco,  
 Que o carroceiro  
 Perde a cabeça,  
 Vae como um louco,  
 Saca um fueiro  
 E diz-lhe: «Hom'essa!...  
 Essa agora!

Pois o senhor não vê que esta nem chora,  
 Que nem sequer as lagrimas lhe saltam  
 Como é tão natural numa senhora?...  
 Guelas não lhe faltam, e de ferro...  
 O ponto é que ella as abra;  
 Mas é cabra...  
 Teve creação:  
 Não dá um berro  
 Sem alguma razão!  
 E cuida que este cavalheiro é mudo?»  
 (Aqui o *cavalheiro*  
 Era o carneiro);  
 «E' sério, tem proposito, é sisudo!  
 A's vezes berra, que estremece tudo;  
 Mas só quando é preciso;  
 Tem juizo!  
 Miolo!»

— «Miolo? exclama o outro; pobre tolo!  
 Elle suppõe que o levam á tosquia,  
 E por isso nem pia!  
 Esta, pensa tambem que vae de carro  
 Ao tarro;  
 Deixá-los, lá se avenham;  
 Mas porcos não se ordenham;  
 Cevados não se ordenham nem tosquam;  
 De mais sei eu o fim com que se criam,  
 De mais sei eu!...  
 Por isso brado ao céu



Por isso choro a minha triste sorte!  
 Por isso gritei, grito e gritarei,  
 Do fundo da minha alma, até á morte,  
 Aqui d'el-rei!» —

Fallava como um sabio! Muita gente  
 Não discorre com tanta discreção,  
 Infelizmente.

Quando o mal  
 E' fatal,  
 A lamuria que vale?!  
 Que vale a prevenção?  
 Antes ser parvo, do que ser prudente;  
 Porque o parvo, esse, ao menos, menos sente,  
 Não vê um palmo adeante no nariz;  
 Vê o presente  
 E está contente;  
 É mais feliz!

João de Deus (*escriptor contemporaneo*).

104 — O Valle de Santarem (pag. 245 na 4.<sup>a</sup> ed.)

O valle de Santarem é um d'estes logares privilegiados pela natureza, sitios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavissima e perfeita; não ha alli nada grandioso nem sublime, mas ha uma como symetria<sup>1</sup> de côres, de sons, de disposição em tudo quanto se vê e sente, que não parece senão que a paz, a saude, o socego de espirito e o repouso do coração devam viver alli, reinar alli um reinado de amor e benevolencia. As paixões más, os pensamentos mesquinhos, os pezares e as vilezas da vida, não pôdem senão fugir para longe. Imagina-se por aqui o Eden<sup>2</sup> que o primeiro ho-



mem habitou com a sua innocencia e com a virgindade do seu coração.

À esquerda do valle, e abrigado do norte pela montanha que alli se corta quasi a pique, está um massiço de verdura do mais bello viço e variedade. A faia, o freixo, o alamo interlaçam os ramos amigos; a madre-silva, a mosqueta penduram de um a outro suas grinaldas e festões; a congossa, os fetos, a malvarosa do vallado vestem e alcatifam o chão.

Para mais realçar a belleza do quadro, vê-se por entre um claro de arvores a janella meia aberta de uma habitação antiga, mas não dilapidada<sup>3</sup>, com certo ar de conforto grosseiro, e carregada na côr pelo tempo e pelos vendevas do sul a que está exposta. A janella é larga e baixa; parece mais ornada e tambem mais antiga que o resto do edificio<sup>4</sup>, que todavia mal se vê...

Interessou-me aquella janella.

Quem terá o bom gosto e fortuna de morar alli?

Parei, e puz-me a namorar aquella janella.

Encantava-me, tinha-me alli como num feitiço.

Pareceu-me entrever uma cortina branca... e um vulto por detraz... Imaginação de certo! Se o vulto fosse feminino!... era completo o romance.

Como ha-de ser bello ver pôr o sol daquella janella!...

E ouvir cantar os rouxinoes!

E ver raiar uma alvorada de maio!...

Se haverá alli quem a aproveite, a deliciosa janella! quem aprecie e saiba gosar todo o prazer, todos os sanctos gosos da alma que parece que lhe andam esvoaçando<sup>5</sup> em torno?

Estava eu nestas meditações, começou um rouxinol a mais linda e desgarrada cantiga que ha muito me lembra ouvir.

Era ao pé da dita janella!

E respondeu-lhe logo outro do lado opposto; e travou-se entre ambos um desafio tão singular, em estro-



phes alternadas tão bem medidas, tão accentuadas e perfeitas, que eu fiquei todo dentro do meu romance, esqueci-me de tudo mais.

Lembrou-me o rouxinol de Bernardim Ribeiro<sup>6</sup>, o que se deixou cair na agua de cançado<sup>7</sup>.

O arvoredó, a janella, os rouxinoes... áquella hora, o fim da tarde... que faltava para completar o romance?

Um vulto feminino que viesse sentar-se áquelle balcão — vestido de branco — oh! branco por força... a fronte descaida sobre a mão esquerda, o braço direito pendente, os olhos alçados ao céu... de que côr os olhos? Não sei, que importa? é amiudar muito de mais a pintura, que deve ser a grandes e largos traços, para ser romantica, vaporosa, desenhar-se no vago<sup>8</sup> da idealidade<sup>9</sup> poetica...

—«Os olhos, os olhos...» disse eu pensando já alto, e todo no meu extasi, «os olhos pretos».

—«Pois eram verdes!»

—«Verdes os olhos... d'elle, do vulto da janella?»

—«Verdes como duas esmeraldas<sup>10</sup> orientaes, transparentes, brilhantes, sem preço.»

—«Que? pois realmente?... É gracejo isso, ou realmente ha alli uma mulher bonita, e?...»

—«Alli não ha ninguem — ninguem que se nomeie hoje, mas houve... oh! houve um anjo, um anjo, que deve estar<sup>11</sup> no céu.»

—«Bem dizia eu que aquella janella...»

—«É a janella dos rouxinoes.»

—«Que lá estão a cantar.»

—«Estão, esses lá estão ainda como ha dez annos — os mesmos ou outros, mas a *menina dos rouxinoes* foi-se e não voltou.»

—«A menina dos rouxinoes! que historia é essa? Pois deveras tem uma historia aquella janella?»



<sup>1</sup> lit. medida commum, a) egualdade das partes e justa proporção entre estas e o todo. b) disposição de elementos reciprocamente eguaes, mas inversamente dispostos. c) belleza que resulta d'uma disposição regular ; harmonia. Da mesma raiz se formam : metro, decimetro, etc. ; *diametro* (*dia*, atravez), *metrologia* (sciencia das medidas : *logos*, discurso) ; *metromania* (mania de fazer versos) : *metrónomo* (*nomos*, lei ; instrumento para marcar o compasso) ; *perimetro*, (*peri*, em volta ; contorno) ; *isoperimetro* (*isos* egual) ; *barometro* (*baros*, peso ; instrumento para medir o peso do ar) ; *chronometro* (*chronos*, tempo) ; *gázometro* ; *geometria* ; *thermometro* (*thermos*, quente ; instrum. para medir a temperatura) ; *trigonometria* (*trias*, tres, *gonia*, angulo), etc. <sup>2</sup> paraíso terreal. <sup>3</sup> arruinada (L. *lapidem*, pedra. Cp. *lapid-a,-e,-ar,-ação,-ario,-eo,oso*). *Dilapidar*, é propr. dissipar pedras ; d'ahi, fig., dissipar, gastar loucamente, arruinar. <sup>4</sup> veja n.º 75, nota 3 <sup>5</sup> § 97, d). <sup>6</sup> moço fidalgo da casa d'el-rei D. Manuel. Nasceu na villa de Torrão, no Alemtejo. Deixou inedito o celebre romance em prosa *Menina e Moça*, varias eglogas e outras composições poeticas cheias de suave melancholia. É classificado pelo visconde de Almeida Garrett como o primeiro poeta que versificou sobre assumptos nacionaes. <sup>7</sup> § 179, *Obs.* <sup>8</sup> idéas pouco nitidas, mal definidas. § 185, 2). <sup>9</sup> imaginação, devaneio. <sup>10</sup> pedras preciosas de côr verde <sup>11</sup> § 224, 2.)

---

105 — A lamentação (pag. 224 na 4.<sup>a</sup> ed).

Como assim jaz e solitaria e quêda  
 Esta cidade outr'ora populosa !  
 Qual viuva ficou e tributaria  
 A senhora das gentes.

Chorou durante a noite ; em pranto as faces,  
 Sosinha, entregue á dôr, nas penas suas  
 Ninguem a consolou : os mais queridos  
 Contrarios se tornaram.  
 Ermas as praças de Sião e as ruas,  
 Cobre-as a verde relva ; os sacerdotes  
 Gemem ; as virgens pallidas suspiram  
 Envoltas na amargura.



Dos filhos de Israel nas cavas faces  
 Está pintada a macilenta fome ;  
 Mendigos vão pedir, pedir a extranhos,  
 Um pão de infamia eivado.

O tremulo ancião, de longe, os olhos  
 Volve a Jerusalem, d'ella fugindo :  
 Vê-a, suspira, cae, e em breve expira  
 Com seu nome nos labios.

Que horror ! — impias mães os tenros filhos  
 Despedaçaram : barbaras quaes tigres,  
 Os sanguinosos membros palpitantes  
 No ventre sepultaram.

Deus ! compassivo olhar volve a nós tristes ;  
 Cessa de te vingar ! vê-nos escravos,  
 Servos de servos em paiz extranho.  
 Tem dó de nossos males !

Acaso serás Tu sempre inflexivel ?  
 Esqueceste de todo a nação tua ?  
 O pranto dos hebreus não te commove ?  
 És surdo a seus lamentos ?

Alexandre Herculano (1810-1877).

---

106 — O verbo *deparar* (pag. 353 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Anda quasi sempre errado nos escriptos modernos o emprego do verbo *deparar*, dando-se-lhe accepção de neutro ou intransitivo, quando tal significação nunca lhe deram os mestres da nossa lingua.

E' communissimo <sup>1</sup> lêrmos nas correspondencias dos jornaes : *Deparei* hoje no seu jornal *com* um artigo, *com* uma noticia, etc.



E na conversação: *Deparei* hontem com fulano no theatro.

Ambas estas locuções são erradas, tanto na accepção do verbo, como na sua regencia.

Visto que o verbo é activo, devem construir-se as citadas phrases do modo seguinte:

Deparou-me hoje o seu jornal um artigo, uma noticia, etc.

Deparou-me hontem o acaso, ou outra circumstancia<sup>2</sup>, fulano no theatro. Ou então: Encontrei fulano, etc.

Não só pelo emprego constante dos nossos classicos, mas pela sua derivação, este verbo não significa encontrar ou achar, mas sim apresentar-se-nos ou apparecer-nos alguma pessoa ou coisa, em geral quando menos o<sup>3</sup> esperavamos, ou parecendo-nos incrível.

«Só Deus nos podia deparar a taboa da salvação naquelle pavoroso naufragio» — diz Diogo do Couto.

«Alguns casam só porque se lhes depara esposa rica ou bem parecida» — diz Berdardes.

O sr. Castilho, no seu admiravel tratado — *Felicidade pela Instrucção*, lamentando a falta de livros elementares para as escolas, exclama: «Esperaremos que o acaso no-los<sup>4</sup> depare?»

E, finalmente, para os que não lêem classicos, basta repararem na crença, tão popular, de que Santo Antonio de Lisboa tem o poder divino de nos deparar as coisas perdidas, isto é, de no-las apresentar, pôr diante dos olhos, por mais sumidas que estejam, ou que as tenha levado o démo, como diziam nossos avós, para o que é mister rezar o bem sabido responso ao milagroso santo.

A. da Silva Tullio (1818-1883).

<sup>1</sup> § 96, c); que pertence a todos, ou a muitos. Não póde ser raro aquillo que pertence a muitos; d'aqui o emprego de *commum* oppõe-se a *raro*. De igual modo *commum* oppõe-se a *escolhido*, *distincto*, e é então synonymo de *vulgar*. Composto do pref. *com* e da raiz *mun*, das palavras *munir*, *munição*,



*communhão, comunicar, etc.* <sup>2</sup> etymologicamente, condições que rodeiam um facto, que o explicam, ou o tornam necessario. Pref. *circum* em roda (*circumferencia, circumloquio, etc.*) e raiz *sta*, que indica fixidez, permanencia (*estavel, estatua, constante, estação* <sup>3</sup> § 189,4). <sup>4</sup> § 58,2.

107 — O casquilho (pag. 226 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Quem de Ovidio <sup>1</sup> os contos leu/  
Certo <sup>2</sup> inda tem na memoria

A mais curiosa historia  
Que elle em seus contos metteu : <sup>3</sup>  
— De como Jove <sup>4</sup> indignado  
Co'uma nação de velhacos,  
Para os não fazer em cacos,  
Os converteu em macacos.

Vendo-se assim humilhado,  
Veio o povo castigado,  
De constricto coração,  
A pedir perdão  
Ao deus que fulmina o raio e o trovão <sup>4</sup>.  
Fazendo caretas, ganindo e guinchando,  
Lhe vinham bradando  
Em mona e bugia :

— «Restaura-nos, ó padre soberano,  
O antigo vulto humano  
Co'a perdida razão.»

O tonante <sup>4</sup>, a quem passado  
Era o primeiro furor,  
Dos bugios ao clamor  
Prestou ouvido apiedado ;  
Mas do macaco requerimento  
Não despachou senão ametade,  
E o resto a deidade  
Mandou dispersar nas azas do vento.



Mal o aceno omnipotente  
 Troou na celeste abobada,  
 A monaria contente  
 Se ergue altiva, impávida,  
 Toda se empavezou  
 E repimpou  
 E como gente  
 A andar por este mundo se deitou.

O pêlo esfarripado <sup>5</sup>,  
 Que as cabeças teli <sup>6</sup> lhes ouriçava <sup>7</sup>,  
 Em lindos caracoos se debruçava  
 Agora pelo rosto transmudado.  
 Não mudou por dentro o caco <sup>8</sup>,  
 Que ficou sempre macaco ;  
 E a cara por fóra  
 Tambem não mudou muito do que fôra.  
 Os mesmos focinhos,  
 As mesmas caretas,  
 E os parvos risinhos,  
 E as fofas <sup>9</sup> e tretas <sup>10</sup>.

Assim meio mudados, meio não,  
 Lhes fez o padre Jove um bom sermão,  
 E lhes mandou tomar  
 Ao pé da raça humana o seu logar.  
 O homem com desprezo o bicho olhou,  
 Nem sequer nome para dar-lhe achou ;  
 Mas a mulher gostou  
 Da tal farófia <sup>11</sup> de aparente brilho,  
 E á coisa poz o nome de — *Casquilho* <sup>12</sup>

Visconde d'Almeida Garrett (1769-1854).

<sup>1</sup> Um dos mais notaveis poetas latinos ; escreveu os *Fastos* e as *Methamorphóses*. Falleceu no anno 18. <sup>2</sup> § 186. <sup>3</sup> § 156, b). <sup>4</sup> Jupiter, pae dos deuses. <sup>5</sup> dividido em farripas. <sup>6</sup> até alli. <sup>7</sup> § 130 a). Ouriçar é pôr a prumo os cabellos á semelhança dos pêlos do ouriço. <sup>8</sup> familiarmente, significa juizo,



cabeça. <sup>9</sup> danças. <sup>10</sup> manhas. <sup>11</sup> insignificancia. <sup>12</sup> § 154, Obs. 1), casquilho é o mesmo que janota, peralta, taful.

108 — Batalha de Alcacer-Kibir (pag. 239 na 4.<sup>a</sup>)

No momento em que el-rei, o duque <sup>1</sup> e D. Duarte cortaram em troços o cinto de ferro que os estreitava, quando os barbaros já vacillavam deante da sua espada, o terço dos aventureiros, cansado de esperar pelo signal da lucta, não attendendo a saber se era coadjuvado pelos tudescos, e pelos italianos e castelhanos, unidas as fileiras, feriu nos moiros com tão brava furia, que, arrancando-os do primeiro impulso nas pontas dos piques, os levou adeante de si por largo espaço, em quanto a arcabuzaria de Tanger, repartida em mangas pelas duas alas, apressava a derrota, semeando a morte nas confundidas linhas arabes.

Às acclamações <sup>2</sup> de victoria, com que uns annunciavam aos outros o feliz principio, respondiam os clamores dos que recuavam assombrados com as gentilezas obradas pelas armas portuguezas.

Adeantando-se com tão boa nova de si, e com este ardor de esperança, os aventureiros chegaram quasi á collina, d'onde a artilheria dos infieis estreára a batalha, e quasi sobre as peças estiveram a ponto de as conquistar, se uma voz de desalento lhes não refreasse repentinamente o arrojo.

O centro do exercito infiel, abrindo-se aos golpes da cavallaria de el-rei, e ao ferro das lanças dos soldados, deixou penetrar os aventureiros tanto adeante, que os arcabuzes alcançavam com os pelouros a liteira em que Abd-el-Melek era transportado.

Reanimado pelo ruido do combate, pelos alaridos dos que se revolviam cheios de temor, pelo alvoroço da peleja, travada a tão curta distancia que distincta-



mente se divisavam uns aos outros christãos e moiros, Abd-el-Melek, com heroico esforço, calando a dôr e enganando a morte <sup>3</sup>, montou a cavallo, e com o alfange em punho quiz ao menos antes de os cerrar para sempre, que os seus olhos vissem ainda neste rasgo final a imagem da sua passada existencia. Mas o derradeiro sacrificio, superior ás forças acabou de lh'as consumir.

A voz gelou-se-lhe nos labios ; o braço decaiu inerte ; a espada escapou á mão frouxa e distendida, a vida desprendeuse n'este derradeiro e fugaz relampago com a alma indignada do rei, cujo berço fôra um campo de batalha e cujo ultimo leito deviam ser os loiros da victoria, ceifados tambem no mesmo campo onde ganhára a corôa, e, antes d'ella, a gloria e o nome de capitão.

Alguns dos christãos, que iam na vanguarda do terço, chegaram a descobrir o vulto de Abd-el-Melek no momento em que, desfallecido, caía moribundo nos braços dos alcaides. Não faltou mesmo quem attribuisse a sua rapida queda a um tiro casual, mas feliz, dos arcabuzeiros de Tanger, já a esta hora muito proximos do principe musulmano.

Seja o que fôr, é provavel que as coisas corressem muito mais prosperas, se, aproveitando o lanço, todos os nossos, proclamando-se vencedores e egualando os primeiros combatentes, apertassem com os arabes que fugiam pela planicie deante da cavallaria e dos aventureiros.

A fortuna, porém, só mostrou sorrir-se para nos tornar o castigo mais aspero.

No meio da impetuosidade e do jubilo com que os soldados catholicos, quasi certos da victoria corriam sobre os infieis, desbaratando-os, a voz de Pedro Lopes, que servia de capitão do terço mudou em um instante o aspecto da batalha.

Parecendo-lhe que os seus se entranhavam de mais pelas fileiras contrarias, deteve-os mal advertido, quando devia estimulá-los, e com grito de retirar, lançado



sem reflexão, converteu em revez o que já se ia declarando successo confirmado.

Outra voz, que <sup>4</sup> nunca se soube de quem partira, suspendia quasi ao mesmo tempo no meio do triumpho os ginetes d'el-rei e do duque de Aveiro, na occasião em que pela outra parte entestavam tambem com a colina, em que os canhões dos moiros mal se defendiam dos assaltos da infantaria.

Foi onde tudo começou a perder-se.

Com a ordem de retirar, dada fôra de proposito aos aventureiros por Pedro Lopes, os mais adeantados estacaram, e os outros, applicando o impeto, lançaram a vista em redor de si, e conheceram que se achavam sós no meio dos infieis, porque até o proprio terço a que pertenciam os não seguira todo.

Os moiros, segundo o uso, apenas puderam respirar, soccorridos pelas reservas dispostas por Abd-el-Melek, recobriram-se do terror e, tornando atraz com a ira de haverem despejado o campo a tão poucos inimigos, renovaram o combate, e em um momento alastraram de feridos e mortos o terreno disputado pelas fileiras dos temerarios, que, adeantando-se com juvenil intrepidez, não souberam retirar-se depois com firmeza de soldados velhos.

O oscillar dos piques denunciou aos arabes a desordem que reinava nas fileiras dos portuguezes, e valendo-se dos escopeteiros, para se não arriscarem de perto, derrubaram a salvo linhas inteiras até acabarem de destruir o valoroso corpo, que a audacia tinha levado ao centro d'elles para succumbir, não sem louvor, com metade do triumpho quasi nas mãos.

O quadro, que a batalha apresentava nesta parte, era para commover os mais endurecidos.

Emquanto os mais ousados dos aventureiros se metiam embravecidos por entre selvas de lanças, querendo morrer vingados, os outros, feridos dos tiros, caíam amaldiçoando a má fortuna, que os offerecia aos golpes dos contrarios, mais como victimas do que como soldados.



Em sitios era já tanto o sangue, que dava pelo ar-telho ; o chão estava coberto de cadaveres ; homens e cavallos uns sobre outros ; mortos por cima de vivos ; christãos e moiros abraçados, chorando e expirando, uns prostrados sobre a artilheria, outros decepados debaixo dos corceis, e de todos os lados lagrimas, gritos de furia, lamentos e estrepito.

O sol de Africa alumiaava com os seus esplendores o terrivel painel ; e a sêde ainda mais atroz do que a dôr das feridas, e do que as maguas do desastre, exacerbava as maguas dos que agonisavam saudosos da patria, que viam submergida com elles na espantosa catastrophe.

Nesta hora malfadada, asseveram testemunhas contemporaneas, era a calma tanta, o pó e o fumo tão densos, e os clamores e a confusão tão geraes, que retratavam ao vivo os maiores horrores, que a imaginação pudesse conceber.

Os moiros, reanimados e atrevidos com o numero, atroavam com alaridos a terra, que tremia sob o impetuoso galope de tantos mil cavallos. Em um instante vanguarda, centro, alas e retaguarda do exercito christão, tudo se achava <sup>5</sup> envolvido, roto e baralhado, chegando o aperto dos inimigos a ser tão forte, que não dava logar nem para alçar o braço.

Em menos de uma hora, quem abrisse os olhos depois de os ter cerrado no começo da lucta (porque a batalha não durou mais, e o que se prolongou foram os incidentes da derrota), veria os nossos cortados, as suas linhas confundidas, soldados e cavalleiros em magotes rodeados de barbaros, e dentro em pouco todos mortos, feridos ou captivos.

O monarcha remiu como guerreiro os erros do character e da inexperiencia, praticando feitos dignos da grande memoria que deixou. Os maiores fidalgos eram desarmados e quasi levados de rastos como escravos por tropeis de alarves cubiçosos, que, disputando entre si a presa, cobriam de escarneos e injurias os desdi-



tosos, que a sorte lhes entregára. Ao declinar da tarde já faltavam cordas para atar as mãos a fidalgos e a cavalleiros.

O revez caiu tão rapido como fôra antecipada a esperança.

Os terços dos tudescos, castelhanos e italianos, em cuja ousada valentia se fundava o nervo principal do exercito, carregados de pesadas armas, e desordenados pela retirada dos aventureiros, em um instante viram as suas fileiras cruzadas pelos arabes, e eram consumidos a distancia pelas descargas dos escopeteiros; por fim pereceram quasi sem defeza ás mãos dos renegados, que, ás ordens de Hamed Lataba, não cessavam de os accommetter, ardendo em odio e em sêde de vingança.

Por maior infelicidade, quando cavalleiros e infantes destroçados mais combatiam já para se salvarem do que na ideia de restaurarem a batalha, ateou-se o fogo em um dos carros de polvora, e voaram aos ares, entre chammas, homens, carretas e arremessos com estrondosa violencia, ferindo e esmagando depois na queda a tudo que encontravam.

Luiz Augusto Rebello da Silva (1828-1871).

<sup>1</sup> Do L. *dux*, que significa aquelle que guia, dirige, comanda (de *ducere*, conduzir : sup. *ductum*) ; chefe militar d'uma provincia, nos ultimos tempos do imperio romano. Este, titulo adoptado pelo feudalismo, serviu para designar os principaes feudatarios da corôa. Veja o n.º 160, notas 1 e 4. Compare :

DUCT-o, <i>il</i> -idade :		DUC <i>ado</i> , -al		
ab —	» »	<i>or</i>	» -ção	
ad —	•	» <i>ivo</i>	» »	DUZ-ir
con —	» »	» » <i>ivel, a</i>	» »	»
de —	» »	» »	» »	»
in —	» »	» »	» »	»
intro —	»	» » <i>orio</i>	» »	»
pro —	» »	» » »	» »	»
re —	» »	» » «	» «	»
se —	» •	»	» «	»
tra —	« »	« »	» »	»



aqueducto (*aquæ*, da agua); viaducto (*viæ*, do caminho); *pro*, *re*, *se*, *tra*-duzível; *pro*, *tra*-duzidor, productibilidade; duqueza (*archi*); duche por intermedio do ital. *doccia* (*ci=ch*), de *doccia-ri*, fluir, que representa um v. L. *ductiare*, formado de *ductus*.

<sup>2</sup> Comp. *de*, *ac* (ad.) *clamar*, gritar (L. *clamare*, fallar em voz alta, berrar. O v. *chamar* tem a mesma origem; de *chamada* fizeram os fran. *chamade*. Faça a lista dos deriv. da raiz *clam.* e dos comp. com *ac* (ad), *de*, *ex*, *pro*, *re*. <sup>3</sup> Abd-el-Melek havia sido envenenado por mão desconhecida. <sup>4</sup> § 245. <sup>5</sup> § 119, f.

109 — Eu, Antão Verissimo, e a mosca  
(pag. 268, na 4.<sup>a</sup> ed.)

Eu tive um condiscipulo amantissimo,  
Que era um santo rapaz, e nada cábula,  
Transmontano, por nome Antão Verissimo,  
E, como eu, estudava para rábula;  
Tinha por vil a herdada vida agricola <sup>1</sup>,  
E, rindo-se, assignára na matricula <sup>2</sup>.

Sapato engraxadinho, e meia fina  
Substituiu <sup>2</sup> á tamanca costumada;  
Á vestia de burel <sup>4</sup>, capa e batina;  
Gorro, ao grosso chapéo; Paschoaes <sup>5</sup>, á enxada;  
A senhoria, ao tu; á brôa, o trigo...  
E um viver novo ao seu viver antigo.

Se o habito por si fizesse o monge <sup>6</sup>,  
Sem precisar disposições internas,  
Se para um côxo em pouco tempo ir longe  
Lhe bastasse o cuidar que tinha pernas,  
Sem duvida seria Antão Verissimo  
Estudante, e estudante chapadissimo.



Os termos de Paschoal e Cavallario  
 Gastava a procurar o dia inteiro  
 No martyr descosido dictionario,  
 E á noite decorava ao candieiro.  
 Ir á aula, almoçar, jantar, cear,  
 Só tinha vago; o mais era estudar.

Dizem que *quem porfia mata caça*;  
 Julgo proverbio de cabeça tosca.  
 Vamos á historia: Um dia na vidraça  
 Viu o nosso doutor azoada mosca  
 Esvoaçar, zunir, andar marrando,  
 Passagem pelo vidro procurando.

Pôz de parte um momento a lei mental,  
 E, co'os olhos no insecto, exclama assim.  
 «Oh, que teimoso e estúpido animal!  
 Embora teimes, teimarás sem fim:  
 Por entre ti e o sol não vês que está  
 Um vidro, que passagem te não dá?»

«Segue o exemplo das mais, que andam com gosto  
 A dançar sobre aquelle assucareiro;  
 Do amigo que alli dorme chucha o rosto,  
 Depois esmóe a andar no travesseiro».  
 Eu, que dormir fingia, e não dormia,  
 Da tal offerta em troco assim dizia:

«Déste á mosca um conselho prudentissimo:  
 Tão bons os dês tu sempre em sendo rábula!  
 Mas és qual frei Thomaz<sup>7</sup>, Antão Verissimo,  
 Ou como o homem da tranca na parabola.  
 Dez vidros furaria esse animal  
 Antes que entendas uma lei mental.



«Entre ti e a sciencia ha vidros baços ;  
 Nem tu, nem cem de ti os romperiam :  
 Vende o candieiro, a loba e os calhamaços,  
 Torna-te ás terras, que batatas criam.  
 É melhor ser um farto lavrador  
 Do que um mirrado e estúpido doutor.

«Manda ao inferno os livros sybilinos,  
 Vem para a cama conversar comigo :  
 De Horacio eu fallarei, tu de pepinos,  
 Depois eu de Vergilio, e tu de trigo.  
 Tire das leis com que dar uso aos queixos  
 Quem pôde ; e cada qual gire em seus eixos».

Nesta fabula historica se intima  
 O que ninguem ignora, e não se observa :  
 A tal sentença velha, obra prima,  
 Do — *nada faças se o não quer Minerva*. —  
 Isto é, que um genio, que nasceu de encolhas,  
 Não vá metter-se a redactor<sup>8</sup> de folhas ;

Que um mestre sapateiro, afreguezado,  
 Não vá ser na tragedia actor<sup>8</sup> primeiro.  
 Que, em transportes de principe ultrajado,  
 Ralhará como mestre sapateiro ;  
 Quem nasceu para chufas e chalaça,  
 Nem epopéas, nem tragedias faça ;

Que aquelle que nasceu para ladrão,  
 Seja ladrão de estrada, e não juiz,  
 Procurador, letrado, ou escrivão ;  
 Que um bode se não metta a ser derviz,  
 Nem um burro a academico ; nem... nem...  
 Exemplos d'isto numero não tem.



<sup>1</sup> Relativo á cultura dos campos (*agrum*, campo; *colere*, cultivar), v. n.º 133, nota 9. <sup>2</sup> lista com os nomes das pessoas que pertencem a alguma corporação, ou estão sujeitas a certos deveres (escolares, etc.). L. *matricula*, de *min.* de *mater*, (*acus. matrem* = madre, mãe (*a sancta madre Egreja*). Cop. comadre, materno-o, -al-idade, matr-iz, -ona (syn. dona), matrimoni-o, -ar, -al, madrasta, madrinha. Obs. L. *t.* medio transforma-se geralmente em *d*, como acontece em *madr-e*, *asta*, -inha. <sup>3</sup> Litter. collocar debaixo; d'aqui: pôr uma cousa em lugar d'outra. (L. *sub*, e *statuere*, pôr, collocar). A raiz STAT (*STA*, *STIT* na composição) indica *estabilidade*, permanencia, fixidez, collocação. Obs. L. *st* iniciaes tomam um *e* prosthetico (*est*) na passagem para portug. Tiram-se de *statuere*: estatua, estatuir, estatura, *con*-stituir (*de*, -*in*, -*re*, -*sub*), e deriv. <sup>4</sup> panno grosseiro de lã; antigamente trazia-se por lucto, assim como a *almáfega* preta ou branca, e outro panno grosseiro feito de lã churra ou *churda*, suja de suarda, como são das ovelhas, ou de inferior qualidade. L. *burra*. (B. L. *bura*, pêlo) *birrum*, panno grosseiro de lã e de côr russa, d'onde *birro*, murça, ou chapéo antigo. Cp. birreto (veste antiga dos ecclesiasticos), barreta, barrete. <sup>5</sup> quer dizer as obras de Paschoal José de Mello, illustre jurisconsulto portuguez. <sup>6</sup> V. n.º 74, nota 1. <sup>7</sup> allusão ao anexim: *Bem prega frei Thomaz; fazei o que elle diz, não façaes o que elle faz.* <sup>8</sup> aquelle que *redige*, que põe ordenadamente por escripto. Primit. *agere* fazer; *actum*; Cp. agir. (t. jur. obrar na qualidade de agente); agencia, agente, agenda (livro para notas do que se ha de fazer no dia), agil, agitar (L. *agitare*, freq. de *agere*) adagio = L. *adagium*, (*ad agendum*, que deve ser feito); litigio. L. *litigium*, contestação, der. de *litigare* = *litem agerem* (lis, processo); prodigio (*pro agere*); prodigo (L. *prodigus*; de *prodigere*, por *prod agere*? *Prodigere* significa prop. obrar em proveito de); purga (L. *purus*, puro, *agere*); act-o, -ivo, -ual; acção. Forme os deriv. e os comp. de *co*, *entre*, *ex*, *in*, *re*, *retro* (para traz).

---

 110 — A lua

Quem a não conhece? quem a não corteja, a ella, rainha dos brandos resplendores e das maviosas caricias? Quem não mira e remira a sua face de transpa-



rente alabastro, a exhibir-se, a estadear-ze no puro azul da noite, coando seus philtros <sup>1</sup> ao planeta, despertando tanta poesia em todos os objectos, tanta emoção em todos os peitos? Porque o certo é que nem o disco do Sol nem a scintilla <sup>2</sup> da estrella, tão fascinantes e tão vivos, têm para nós os magicos fulgores, os ineftaveis encantos da casta, da branca Lua. Como ella deslisa pela folhagem das arvores! Como ella sorri na ondulação das torrentes! Como ella brinca na superficie dos lagos! Que phantasiosas laminações, que peregrinos cambiantes, que tintas e contornos e desenhos os que ella transmite ás aguas e ás selvas, ás estatuas e ás ruinas, aos palacios e aos montes, a todos os scenarios da natureza e a todas as perspectivas da Arte!

A Lua! ah! eu a tenho visto distender suas gazes tenuissimas por sobre as neves do Herminio <sup>3</sup> e bordar suas filigranas prateadas por sobre as vagas do Atlantico; reluzir serena por entre os cedros do Bussaco e retratar-se tremula nos crystaes do Mondego; revestir d'uma claridade opalina, mysteriosa, os templos da Batalha e de Belem; afagar melancolicamente os fragmentos dos castellos e aloirar suavemente os marmores dos monumentos; escutar arroubada a serenata do rouxinol melodioso e beijar enternecida a flôr da campa solitaria: banhando tudo, espelhando tudo, embellezando tudo, poetizando tudo com o seu meigo e carinhoso brilho, com a sua esbatida e desmaiada luz.

Poderá dizer-nos a selenographia que aquillo é um astro apagado, morto. Poderá certificar-nos o telescopio de Rosse <sup>5</sup> que tudo aquillo é um cinzeiro, um antro, um granito; que o globo lunar carece de pneuma <sup>6</sup> e agua; que o seu solo offerece uma desolação aterradora; que as suas regiões são inteiramente vulcanicas; que por toda a parte se lhe descobrem enormes montanhas isoladas e se lhe escancaram profundos abysmos pavorosos; que uma serie espantosa de crateras extinctas lhe vae manchando e escurentando o rosto á guisa <sup>7</sup> de cauda immensa de pavão real, verde-negra,



sombria ; que semelhante contextura, cuja observação impressiona como quadro dissolvente <sup>8</sup>, é de todo ponto incompativel com as minimas organizações vitales ; em summa, que a pallida Lua, a saudosa Lua não passa d'um cadaver ou do sudario d'um cadaver preso pela attracção universal á nossa esphera, qual mortalha fria d'um morto ao corpo quente d'um vivo. Poderá affirmar isto e muito mais do que isto. Poderá...

E, todavia, esse cadaver é ainda assás poderoso para inflar <sup>9</sup> deante de nós as marés e para desatar sobre nós as chuvas ; é ainda assás forte para influenciar <sup>10</sup> bem palpavelmente as correntes magneticas, as condições phisicas e as combinações chemicas da nossa existencia.

Mas a investigação astronomica e a analyse scientifica, mais ou menos verosimeis, mais ou menos problematicas, augmentando o conhecimento, em nada diminuiram o prestigio do satellite. A Lua é em realidade o lampadario magnifico ao qual devemos as noites estivaes <sup>11</sup>, as noites mais formosas, argenteando-nos <sup>12</sup> os céos e clareando-nos os mares ; é aquelle astro amigo cheio de pulchro <sup>13</sup> amor que enleva os povos cultos e que adoram os povos do deserto ; aquella alma <sup>14</sup> luz, nimbo <sup>15</sup> perduravel da esperança, da inspiração e do consolo ; aquella musa que invocam todos os poetas, aquella musa que consultam todos os tristes ; é a vibração sempre suspirosa em todas as harpas, a nota sempre crystallina em todas as cadencias, a brisa sempre perfumada em todos os corações ; é a symbolica, a nitente <sup>16</sup>, a dulcissima expressão da belleza ; e, como o Sol é imagem do sublime, a Lua é imagem do bello. O sublime é muito superior ao bello, mas o bello é muito mais humano que o sublime. O sublime é a reverberação flammejante do ideal, da verdade ; o bello é a calma rutilação do sublime.

Alves Mendes (*escriptor contemporaneo*).

<sup>1</sup> attractivos, seduccões, encantos. <sup>2</sup> brilho, esplendor. <sup>3</sup> a serra da Estrella. <sup>4</sup> (do G. *selénê*, lua, e *graphó*, eu descrevo),



descrição ou mappa da lua. <sup>5</sup> telescópio enorme, assim chamado do nome do seu proprietario. Hoje ha-os muito mais perfectos. Telescópio vem do G. *téle*, longe, e *skopeó*, eu examino; oculo de observar os astros. Cp. telegrapha (*gramma* escripta); telegrapho (*graphó*, eu escrevo); telephone (*phonos*, som). <sup>6</sup> atmosphaera (G. *pneuma*, sopro, ar. Cp. *pneumatica*, sciencia que estuda as propriedades do ar e dos gazes; *machina pneumatica*, a qual serve para extrahir o ar de um vaso). <sup>7</sup> maneira. <sup>8</sup> imagem formada pelas lanternas magicas. <sup>9</sup> inchar (L. *inflare*, soprar dentro; raiz *fla*, com a significação de soprar, de que derivam: flat-o, -oso, -ulencia, -ulento, -uloso, -uosidade, -uoso; flaut-a, -ado, -ar, -ear, -im, -ista; insuffl-ar (pref. *in* e *sub*), -ação, -ador; aflautar. <sup>10</sup> veja pag. 26. <sup>11</sup> relativo ao estio (L. *æstas*, verão). Cp. estivo, esti-ar, -ada, -agem. <sup>12</sup> prateado (L. *argentum*, prata) Argent ar, -ear, -aria, ario, -eo, -ifero, -ifico, -ino, -c. <sup>13</sup> bello, formoso. <sup>14</sup> aqui é *adj.* Que cria ou alimenta; santo, veneravel; favoravel, delicioso, <sup>15</sup> circulo luminoso que os pintores põem sobre as imagens dos santos; resplendor, aureola. <sup>16</sup> claro, luminoso. Cp. nit-ido, -idez.

---

111 — Cintra (pag. 295 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Oh Cintra <sup>1</sup> ! oh saudosissimo retiro,  
 Onde se esquecem maguas, onde folga  
 De se olvidar no seio da natureza  
 Pensamento, que embala adormecido  
 O sussurro das folhas c'o murmurio  
 Das despenhadas <sup>2</sup> lymphas <sup>3</sup> misturado;  
 Quem descansado á fresca sombra tua  
 Sonhou senão venturas? Quem sentado  
 No musgo de tuas rocas <sup>4</sup> escarpadas <sup>5</sup>,  
 Espairecendo os olhos satisfeitos  
 Por céos, por mares, por montanhas, prados,  
 Por quanto ha ahí mais bello no universo,  
 Não sentiu arroubar-se-lhe <sup>6</sup> a existencia,  
 Poisar-lhe o coração <sup>7</sup> suavemente  
 Sobre esquecidas penas, amarguras,



Ancias, labor<sup>8</sup> da vida? — Oh grutas frias,  
 Oh gemedoras fontes, ou suspiros  
 De namoradas selvas, brandas veigas<sup>9</sup>,  
 Verdes outeiros, gigantescas serras!  
 Não vos verei eu mais, delicias d'alma?  
 Troncos, onde eu cortei queridos nomes  
 D'amizade, e d'amor não hei-de<sup>10</sup> um dia  
 Perguntar-vos por elles? Soletrando  
 Não irei pelas arvores crescidas  
 Os caracteres<sup>11</sup>, que, em tenrinhas plantas,  
 Pelas verdes cortiças lh'entalhára<sup>12</sup>?

Almeida Garret (1799-1854).

<sup>1</sup> § .11,3) <sup>2</sup> Caidas de grande altura, precipitadas. <sup>3</sup>  
 Aguas. <sup>4</sup> Rochas, penhascos, penedos. <sup>5</sup> Ingremes, alcanti-  
 ladas, ladeirentas <sup>6</sup> Extasiar-se, enlevar-se, arrebatarse. <sup>7</sup>  
 § 130, α. <sup>8</sup> Trabalho, labor. <sup>9</sup> Planicies ferteis, campos cul-  
 tivados. <sup>10</sup> § 82. <sup>11</sup> As letras. <sup>12</sup> § 187.

112 — Morte de D. Henrique (pag. 264 na 4.<sup>a</sup>)

O velho soberano ainda d'esta vez tornou ao uso dos sentidos; mas a enfermidade, que lhe déra esta leve trégua<sup>1</sup>, depressa desenganou os que viam nella um annuncio de mais sensiveis melhoras. No seguinte dia as esperanças desappareceram de todo, e o cardeal, conhecendo que o seu fim estava proximo, dispôz-se para deixar o mundo com a alma tranquilla e o coração seguro.

Depois de recommendar que não o despertassem, descançou com placido somno até perto das onze horas da noite. Accordando então, pediu, sem sobresalto, a vela da agonia, e, com ella na mão, exhalou o ultimo suspiro<sup>2</sup>, exclamando que o momento era chegado.

A sua perda não foi sentida, nem chorada,  
 Sacerdote fanatico<sup>3</sup>, pouco esclarecido e vingativo,



príncipe devorado de insaciavel, mas esteril ambição, no throno confirmou todos os seus defeitos sem os remir<sup>4</sup> por um só rasgo de virtude, ou capacidade.

Em volta do seu leito, o ruido das discordias civis, que não soubera aplacar e que a resolução de nomear herdeiro o rei de Hespanha enfurecia, chegava-lhe aos ouvidos como echo da reprovação geral.

Desamparado dos parentes, que perseguira ou desattendera, no instante de comparecer perante o supremo juiz, só viu em roda de si aquelles que a ambição ou a necessidade, e não o affecto, obrigavam a assistir ao spectaculo da sua lenta agonia, e cuja presença pela maior parte devia ser para elle penosa como o remorso, e triste como as recordações de uma vida fecunda em erros.

Fóra do paço, com os olhos nas janellas da camara aonde aquelle quasi cadaver ainda luctava com a morte, as diversas parcialidades<sup>5</sup> aguardavam com impaciencia que o cardeal D. Henrique acabasse de encerrar a sua carreira.

O duque de Bragança, enganado, queixava-se amargamente da duplicidade<sup>6</sup> do monarcha, ao qual todos davam por suspeito e apaixonado, desde que revelára o occulto pacto<sup>7</sup> ajustado com D. Philippe.

O povo, excitado pelos agentes do esposo de Dona Catharina<sup>8</sup>, e pelos do prior do Crato, preludiava com vozerias, ultrajes, e alvoroços, a revolução premeditada.

As côrtes, desunidas e privadas de chefes que as dirigissem com acerto, consumiam os dias em discursos vehementes, formavam votos sem execução, amiudavam as conferencias e os suffragios, e não ousavam decidir-se por um acto vigoroso, que puzesse termo ao conflicto.

A nobreza, na maioria separada do terceiro braço<sup>9</sup>, estava disposta a obedecer aos desejos do cardeal, acceitando o dominio hespanhol; e, no estado ecclesiastico, o bispo da Guarda era talvez o unico prelado que manifestava em publico as suas repugnancias. Os



outros annuíam silenciosos, ou trabalhavam claramente, como os bispos de Leiria e Portalegre, em favor da nomeação do rei catholico.

No paiz, a inercia e o desalento, filho da falta de crenças, correspondiam á confusão, aos enredos, e ás incertezas da côrte.

Minadas pela corrupção, ou vendidas de antemão pelos que as haviam de defender, muitas das praças fronteiras, e das terras de maior valia, se não suspiravam pelo momento de abrirem as portas ao estrangeiro, não olhavam para elle tambem como para um verdadeiro inimigo, e preparavam-se para ceder á primeira intimação.

No partido do prior do Crato sustentava-se com ostentação a idéa de resistencia nacional, e ninguem ignorava que para intentar a guerra careciamos de generaes, e até de munições,

Os cofres estavam exhaustos de dinheiro, os arsenaes de armas e petrechos, e o reino de forças.

Os campos de Alcacer tinham bebido o sangue mais puro; os ossos dos ultimos guerreiros alvejavam no theatro do nosso desastre, e todos os dias chegavam, parecidos a espectros, alguns dos captivos, resgatados pelas familias, ou pelo oiro de Philippe II.

Fallava-se <sup>10</sup> de arremessar a luva ao herdeiro de Carlos V <sup>11</sup>, ao soberano, cuja sombra cobria quasi toda a Europa, e a nação quasi indifferente, e como adormecida, olhando <sup>12</sup>, não viu, para travar a peleja, senão o bastardo do infante D. Luiz <sup>13</sup>, e em torno d'elle bandos de plebe tumultuosa, poucos fidalgos, e raras mangas <sup>14</sup> de soldados bisonhos <sup>15</sup> e sem capitães.

Na séde do poder, nos cargos eminentes da marinha, da guerra, da justiça, e da administração, os amigos e os cúmplices de Castella occupavam os logares elevados, e, encobrando-se com a auctoridade do rei moribundo, quasi que já deixavam reinar o duque de Ossuna e Christovão de Moura <sup>16</sup> em nome de seu amo.



<sup>1</sup> propr. confiança, segurança; d'aqui = suspensão de hostilidades, e, *fig.* cessação temporaria de trabalho, molestias, ou fadigas; *descanço* <sup>2</sup> *exhalar*, soltar de si; pref. *ex*, que designa saída, tirar de dentro para fóra (cp. extrair, exportar, exhumar, etc.) e raiz *hal*, que indica a idéa de soprar (cp. *halito*.) Ctr. *inhalar*. Note que este circumloquio vale o mesmo que *expirar*, pois que *suspiro* significa sopro, respiração (raiz *spir*, que encerra a idéa de respirar, e L. *susum*, para cima = com torça). Da mesma raiz fórme os compostos com os pref. *a*, *con*, *e*, *ex*, *in*, *re*, *su*, *trans* <sup>3</sup> que tem paixão ardente, exclusiva e intolerante em religião (do L. *fanum*, templo, lugar consagrado) Cp. profan-o (lit. longe ou fóra do templo), -*ar*, -*ação*, -*ador*, -*amente*, -*idade*. Fanatico usa-se como subst. em todas as accepções do adj. <sup>4</sup> prop. libertar do captiveiro ou do poder do inimigo; salvar. Compensar. Syn. redimir, resgatar. <sup>5</sup> partidos, facções. Deriv. de *parte*, d'este primitivo se formam: *parti-r*, -*cipar*. (L. *capere*, tomar), -*culo*, -*cular*, -*lhar*; *pare-eiro*, -*eria*, -*cella*, -*ial*. Ache os deriv d'estes e fórme os compostos com os pref. *a*, *com*, *de*, *dis*, *in*, *re*. <sup>6</sup> é termo afrancezado e vale o mesmo que *dobrez*; falta de sinceridade. Cp. *dupl-o*, *ex*; *duplic-ar*, -*ação*, -*adamente*, -*ado*, -*ata*, -*atura*, -*e*. <sup>7</sup> ajuste, contracto, convenção, (de *pactum*, sup. de *pacere*, fazer um tratado). A' mesma raiz se ligam: paz, pacificar, pactuar, pagar e deriv. <sup>8</sup> o duque de Bragança. <sup>9</sup> os deputados do povo. <sup>10</sup> 112. a). <sup>11</sup> Philippe II de Hespanha. <sup>12</sup> § 237. 1.) <sup>13</sup> D. Antonio, prior do Crato. <sup>14</sup> grupos, turmas, ajuntamentos. <sup>15</sup> inexperientes, novatos, recrutas, galluchos. <sup>16</sup> embaixadores do rei de Hespanha.

---

113 — O Rosario (pag. 354 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Quando, á noite, comtemplo, taciturno,  
 Estas contas antigas, o rosario  
 Das minhas orações,  
 Vejo em minh'alma o poema legendario  
 Dos velhos tempos, das longiquas eras  
 De santas devoções.



A cruz eburnea <sup>1</sup>, onde agonisa o Christo,  
 É de um lavor subtil, que nos revela  
     Um genio magistral,  
 Obra de monge em merencoria <sup>2</sup> cella,  
 Piedoso artista ha muito adormecido  
     Em velha cathedral

Tem seculos : talvez que nestas contias  
 Passasse outr'ora suas mãos esguias  
     A castellã senil <sup>3</sup>,  
 Pensando, triste nos ditosos dias  
 Em que a seus pés um menestrel <sup>4</sup> vibrava  
     O mimoso arrabil <sup>5</sup>,

Talvez que este rosario minorasse  
 As saudades da noiva lacrimante <sup>6</sup>,  
     Que debalde esperou  
 Em cada nau, que vinha do Levante <sup>7</sup>,  
 O seu donzel <sup>8</sup> amado que partira,  
     E nunca mais voltou.

Sobre a cõta <sup>9</sup> de um joven cavalleiro,  
 Que o beijava por noites estrelladas,  
     Pensando em sua mãe,  
 Elle assistiu á guerra das cruzadas <sup>10</sup>.  
 Atravessou talvez a Terra Santa <sup>11</sup>  
     E viu Jerusalem. *amb. saw Jerusalem*

Talvez alguma freira em triste claustro,  
 De seus annos na dôce primavera,  
     Só d'elle confiou  
 Seus loucos sonhos de fallaz <sup>12</sup> chimera <sup>13</sup>,  
 E, apertando o rosario ao peito ancioso,  
     Consolada expirou.



Isto, que leio no rosario antigo ;  
 E, quando melancolico lhe beijo  
     As contas de marfim,  
 No ar escuto indefinido harpejo,  
 E então a crença, a mystica toada,  
     Murmura dentro em mim.

Gouçalves Crespo (1846-1884).

<sup>1</sup> de marfim. <sup>2</sup> melancolica. <sup>3</sup> idosa. <sup>4</sup> poeta dos tempos, da antiga cavallaria. <sup>5</sup> instrumento pastoril, usado pelos arabes. <sup>6</sup> lacrimosa, chorosa. <sup>7</sup> oriente. <sup>8</sup> moço nobre. <sup>9</sup> armadura de malhas de ferro, ou de coiro retorcido e atado, que servia para cobrir o corpo. <sup>10</sup> grandes peregrinações militares, que levaram para o Oriente os povos occidentaes, e tentaram por diversas vezes expulsar os infieis do territorio sagrado da Palestina <sup>11</sup> a Palestina. <sup>12</sup> enganadora <sup>13</sup> fantasia, illusão.

---

114—Fragmentos do sermão prégado no centenario da fundação do templo do Bom Jesus do Monte, em 1884 (pag. 281 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Senhores : Todos os factos revelam e exprimem uma causa. A arvore, que nos dá sombra, a flôr, que nos inhala aroma e o fructo que nos ministra alimento, têm numa tenue semente e numa quasi invisivel cellula a sua origem e o seu principio. No universo, que é espelho clarissimo do Omnipotente, tudo, desde o atomo até á constellação, desde o mineral sepultado nas escurezas da terra até o homem destinado ás glorias do céo, resulta e procede não de uma força cega e de uma contingencia casual, que é impotente para estabelecer a ordem e fixar uma lei, mas sim de uma eterna e infinita intelligencia, que no seio de uma maravilhosa harmonia regulada por uma estupenda unidade, cria e rege, dirige e governa todos os sêres.

Um templo é a resultante e a expressão material-



sada do principio mais espiritual e da causa mais transcendente; é a fórma concreta do culto como o culto é a forma característica da religião. Quando a nascente humanidade não ajoelhava ainda no pavimento de templos edificados por suas mãos, alevantava ella sobre as immensas e luminosas aras da natureza uma pedra bronca ou um arrelvado congesto de leivas e ahi balbuciava uma prece e celebrava um sacrificio, cujo religioso pensamento era como a respiração da alma do homem elevando-se para o seio de Deus. Os monumentos mais admiraveis, que desde quinze seculos se hão levantado sobre a terra, têm uma origem sacratissima; ás sublimes inspirações da fé devem a sua existencia e a sua grandeza. A Egreja, avergoada a principio pelo flagicio de perseguições cruentissimas, não possuia outros templos senão as luras da terra, a sala das ágapes e o recinto dos carceres. Eram-lhe gloriosos e purissimos altares os patibulos arregoados de sangue e os tumulos dos martyres cobertos de benções. Nessa quadra heroica, em que á luz das fogueiras melhormente resplandecia a luz das doutrinas, as denudadas singularidades do culto eram largamente suppridas pelas inexcediveis exuberancias da fé. A Egreja, que elegeu primeiramente para berço e santuario a área subterranea das catacumbas, assignalou mais tarde a majestade e o esplendor dos seus triumphos nos venerandos e innumeraveis templos, em que era adorado o verdadeiro Deus, e assim, da incessante liberalidade dos fieis como das altas concepções da arte, desentranhou ella alentos e posses para fundar durante a edade media essas sumptuosas e esplendidas cathedraes, aonde os monolithos de marmore, a opulencia dos florões, a magnificencia dos labores, o primor das esculturas, as vozes do órgão, escoando-se gemebundas pela amplitude das naves, e as nuvens de incenso, ondeando como perfumado e glorioso nimbo acima da hostia sacrosanta, compõem os trechos e modulam os hymnos de outros tantos e eloquentissimos poemas lavrados pela mão do



homem com o religioso intuito de exaltar a gloria de Deus. Assim nasceram e medraram, cresceram e se agigantaram esses grandes e famosos monumentos, que têm o nome de Colonia, Strasburgo, Nossa Senhora de Paris, Westminster, usurpado pelas mãos rebeldes do protestantismo, e principalmente e acima de todos S. Pedro de Roma, aonde o genio prodigioso de Miguel Angelo, realentado pela larga e piedosa munificencia dos Pontifices, esculpiu em pedra a brilhante glorificação do catholicismo e naquella descompassada cúpula, audaciosamente arremessada a alturas descomunaes, representou a irriprimivel ascensão do nosso espirito para o infinito e traçou no espaço o culminante e expressivo emblema da alliança do céu e da terra.

.....  
 Portugal era então soldado, navegador e missionario. Em frente das fortalezas arrodeladas de bronze, que atalaiavam a terra e defendiam a conquista, levantavam nossos paes os templos encimados da signa redemptora, que diffundia a luz e propagava a civilisação.

Foi a fé, que bafejou, revirou e ergueu á mais esplendida culminação a alentada vida d'este povo, que de Ceuta ao Cabo, de Ormuz a Malaca, das gargantas do Amazonas aos terminos do Pacifico, fez estremecer tres continentes ao assentar sobre o seio d'elles as suas mãos de gigante.

A fé é D. João I ajoelhando pela ante-manhã do dia 14 de agosto de 1385 sobre o chão orvalhado de Aljubarrota, encommendando devotissimo a Deus e a Santa Maria a sorte do reino e a victoria da sua independencia, e votando em meio dos seus valentes terços aquelle grandioso e bello monumento da Batalha tão digno da christianissima bizzarria de um rei como da proeminente fidalguia de um povo.

A fé é Vasco da Gama descobrindo, atravez de mares nunca d'antes navegados, o itinerario d'aquella India, reputada então o cofre dos maiores thesouros da terra, avivando os primeiros alvares da Renascença



com o feito mais insigne da era moderna, e crendo serem as frageis naves, que pela vez primeira se abalouçavam em frente do Cabo das Tormentas, a fluctuante mas gloriosa peanha da realeza de um povo, e a bandeira portugueza desfraldada nas pôpas o pregão e o testemunho de que eram cumpridas as esperanças de um povo e impulsionados os progressos da humanidade.

A fé é D. João de Castro sorrindo imperterrito aos pelouros e ás ballas sobre as muralhas rôtas e ensanguentadas de Diu, louvando-se de feliz ao vêr os altares da patria aspergidos do sangue generoso de um filho sacrificado em sua heroica defensão, e acreditando serem uns poucos de cabellos da sua barba o irrecusavel e sacratissimo penhor da antiga e incontaminada honra portugueza.

A fé é el-rei D. Manuel erigindo a Nossa Senhora de Belem na praia do Restello aquelle altivo e primoroso monumento, aonde se compendia e cifra a crença, a vida e a historia de Portugal, aonde a mais arrojada e egregia das emprezas recebeu a mais sumptuosa e memoravel das consagrações, onde respira a grande alma da patria, que tanto se dilatou, e se admiram os attestados de uma grandeza, que a tanto subiu, onde as espheras e os circulos, as cordagens e as ancoras, os instrumentos nauticos e aquellas delgadas e elegantissimas columnas, que parecem vergas erectas no mar alto, dão ao templo as fórmãs e as apparencias de um navio, que ficasse petrificado em a terra a recontar evos a dentro as immortaes e incomparaveis glorias da nossa epopeia maritima.

Conego Alves Matheus (*auctor contemporaneo*).

115 — O gato, a doninha e o laparo <sup>1</sup>(pag. 302 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Dona doninha, em certa madrugada,

Se apossou mui matreira

Do palacio de um laparo; (acto facil,

Que estava ausente o dono).



Lá seus penates<sup>2</sup> trouxe em certo dia,  
 Em que elle a Aurora<sup>3</sup> fôra  
 Cortejar entre o orvalho e entre o tomilho<sup>4</sup>.  
 Depois que João Coelho  
 Pastou, trotou, fez toda a sua andança,  
 Eis volta aos terreos paços,  
 Á janella dos quaes dona doninha  
 Pôz seu nariz ao vento.  
 «Que é que eu vejo, oh Numes<sup>5</sup> hospedeiros?»  
 Diz, da paterna toca,  
 O laparo, esbulhado. «Olá, madama,  
 Despeje, vá-se. (Moita)  
 Ou grito a quanto rato ha nos contornos».  
 A dama nariguda  
 Lhe torna que a terra é *primi occupantis*<sup>6</sup>;  
 Alto assumpto de guerras  
 Uma toca, em que mal se entra de rastos!  
 Um reino que isso fosse,  
 Tomára eu bem saber por qual decreto  
 Para sempre o outorgaram<sup>7</sup>  
 A Gil, sobrinho d'Alv'ro ou d'Inigo,  
 Ou, mais que a mim, a Estevão:  
 João Coelho allegou<sup>8</sup> uso e costume.  
 «As leis me dão dominio  
 D'esta casa, que a posse transmittiram<sup>9</sup>  
 D'ella, de paes a filhos,  
 Pedro a Simão; Simão a mim Joanne.  
 A de *primi occupantis*  
 Crês que é lei de mais siso?» Aqui o atalha<sup>10</sup>  
 Dona doninha, e diz-lhe:  
 «Sem mais motins, por arbitro<sup>11</sup>, o bichano  
 Se escolha». Era elle um gato  
 D'uma vida eremitica<sup>12</sup> e devota.  
 Dissimulado<sup>13</sup> e sonso,  
 Alma santa de gato, gordo e nedio<sup>14</sup>,  
 Grande e terciio-pelludo<sup>15</sup>,  
 E, em qualquer caso, julgador experto.  
 Por juiz, o acceita o laparo.



Ei-los ante a felpuda magestade <sup>16</sup>,  
 E bichano que falla:  
 «Chegae mais perto, ó filhos, que eu sou surdo;  
 Males, que os annos trazem».  
 Chega um, chega outro, nada receiosos.  
 Logo que os pleiteantes <sup>17</sup>  
 Viu junto a si, bichano, bom apostolo,  
 Finca d'um lado e d'outro  
 Unhas neste e naquelle, e põe, mascando-os <sup>18</sup>,  
 De accordo <sup>19</sup> os demandistas <sup>20</sup>.  
 Muito este caso quadra <sup>21</sup> c'os debates  
 Que ás vezes, têm com outros  
 Certos pequenos principes, que acodem  
 Aos reis, que lh'os decidam.

Francisco Manoel do Nascimento (*Filinto Elysio*, 1734-1819).  
 (Traduzido de La Fontaine).

<sup>1</sup> coelho pequeno. <sup>2</sup> os deuses protectores de cada casa, entre os antigos romanos. Chamavam-se tambem *Lares*. No sent. fig. a familia, casa. <sup>3</sup> os pagãos fizeram da Aurora uma divindade; preside ao nascimento do dia. <sup>4</sup> planta da familia do alecrim, da manjerona, do mânjaricão, etc. <sup>5</sup> deuses. <sup>6</sup> do primeiro occupador (palavras latinas). <sup>7</sup> deram, concederam. <sup>8</sup> allegar é citar a lei no sent. prop. (prefixo *ad*. § 101, *a*, e raiz, *leg*, lei); apresentar razões, expor. <sup>9</sup> transmittir é fazer passar para outrem. <sup>10</sup> responde, interrompendo. <sup>11</sup> juiz nomeado pelas partes para decidir as suas questões e com cujo voto ellas promettem conformar-se. <sup>12</sup> propria de solitario, ou ermita, que vive no deserto, ou no ermo. <sup>13</sup> disfarçado. <sup>14</sup> luzidio, gordo (do *L. nitidus*). <sup>15</sup> macio como velludo. Terciopêlo é velludo de tres pêlos, (vem do castelhana). <sup>16</sup> o gato. <sup>17</sup> os que trazem questão em juizo, isto é, que ha-de ser decidida por juiz. <sup>18</sup> mastigando-os. <sup>19</sup> no sentido prop. accordo quer dizer approximação dos corações, união das vontades sobre o mesmo ponto. Prefixo *ad*, que indica direccão, tendencia para, e raiz latina *cor*, coração. Comp. *cordial*, *cordato*, *concordia* (união dos corações), *concordar*, *coragem* (qualidade d'aquelle que tem coração, vontade, energia). <sup>20</sup> synonymo de *pleiteantes*. <sup>21</sup> condiz.